

“Memórias que eu não sabia que tinha”: a estetização da nostalgia em vídeos de lofi hip hop no YouTube

“Memories I did not know I had”: the aestheticization of nostalgia in lofi hip hop videos on YouTube

Débora Gauziski¹
deboragauziski@gmail.com

RESUMO

O artigo discute a estetização da nostalgia na audiovisualidade dos vídeos de *lofi hip hop* no YouTube, a partir de uma análise exploratória dos aspectos presentes em suas sonoridades, visualidades e interações no campo de comentários. O método adotado no estudo é a netnografia (Amaral *et al*, 2008; Kozinets, 2014). Na primeira parte do trabalho, é realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema da nostalgia (Ballam-Cross, 2021; Boym, 2001; 2017; Goulart Ribeiro, 2018; Löwy e Sayre, 1993; Niemeyer, 2018; Pickering e Keightley, 2006). Em seguida, é apresentado um levantamento, produzido a partir do YouTube Data Tools, dos canais e vídeos mais populares do gênero, e dos comentários no vídeo mais assistido da plataforma. Os resultados apontam que o imaginário nostálgico do *lofi hip hop* é construído através da exploração proposital da “tecnostalgia” (Niemeyer, 2018) pelos produtores, que envolve uma ambiência *lofi* e o acionamento de elementos da cultura pop dos anos 1990 e 2000, e dos comentários, nos quais os usuários compartilham relatos e memórias pessoais, evocados pelos sons e imagens.

Palavras-chave: Lofi hip hop; nostalgia; música; pandemia; YouTube.

ABSTRACT

The paper discusses the aestheticization of nostalgia in the audiovisuality of lofi hip hop videos on YouTube, based on a exploratory analysis of the aspects present in their sounds, visuals and interactions in the comments field. The method used in the study is the netnography (Amaral *et al*, 2008; Kozinets, 2014). In the first part of the work, a bibliographical review on the topic of nostalgia is carried out (Ballam-Cross, 2021; Boym, 2001; 2017; Goulart Ribeiro, 2018; Löwy e Sayre, 1993; Niemeyer, 2018; Pickering e Keightley, 2006). Next, a survey, produced on YouTube Data, presents the most popular channels and videos of the genre, and the comments on the most watched video on the platform. The results indicate that the nostalgic imaginary of lofi hip hop is constructed through the purposeful exploration of “technostalgia” (Niemeyer, 2018) by its producers, which involves a lofi ambience and references to elements of pop culture from the 1990s and 2000s, and the comments, in which users share personal stories and memories, evoked by the sounds and images.

Keywords: Lofi hip hop; nostalgia; music; pandemic; YouTube.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF). Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/nº, Bloco J (Novo IACS) - São Domingos - Niterói/RJ.

Introdução

Durante o período de isolamento social (2020-2021), me chamou a atenção a grande quantidade de vídeos musicais no YouTube que tinham a proposta de serem “escutas de fundo”, construindo diferentes ambiências a partir de suas sonoridades e visualidades. Ao explorar os conteúdos disponíveis na plataforma, guiada em parte pelas suas recomendações algorítmicas, me deparei com diversos gêneros, subgêneros e experimentações sônicas essencialmente instrumentais – como *dark ambient*, *vaporwave*, *mallsoft*, *synthwave*, *lofi hip hop*, entre outros – que pareciam ter a característica em comum de serem reproduzidos pelos usuários do YouTube durante a realização de atividades, como estudar, trabalhar, jogar videogame, dormir ou relaxar. Vale mencionar que muitos vídeos haviam sido postados bem antes da pandemia, já que o surgimento dessas manifestações musicais remete às décadas de 2000 e 2010, mas estavam sendo recomendados pela plataforma naquele momento.

Sabemos que escutar música durante a execução de atividades não é algo incomum e nem exclusivo desses gêneros e subgêneros em particular. Inclusive, esse tema foi discutido por Tia DeNora na obra *Music in everyday life* (2000), na qual a autora explora os diferentes usos e relações estabelecidos pelas ouvintes entrevistadas¹ por ela com a música e o som. A música, para DeNora, atua como uma “tecnologia do *self*”, apropriada pelos indivíduos como um recurso para a constituição de si mesmos e de seu ambiente social – nos níveis psicológico, fisiológico e emocional. O que me intrigou foi o fato de existir um universo musical no YouTube dedicado a tarefas que demandam foco (Gauziski, 2024), como a escrita ou leitura de um texto. No campo de comentários dos vídeos, os usuários incluíam sugestões de como essas

músicas deveriam ser escutadas para criar um ambiente aconchegante, introspectivo e/ou fantasioso.

No caso dos vídeos de *lofi hip hop*, que serão enfocados neste trabalho, diversas matérias em portais jornalísticos (Breve, 2021; Oliveira, 2021) à época destacavam o seu uso para estudo e “produtividade”, em especial por conta do título da transmissão (*live stream*) mais conhecida do canal Lofi Girl, “*beats to relax/study to*” (batidas para relaxar/estudar)². As batidas lentas (entre 60 e 95 bpm) e melodias calmas, repetitivas e levemente melancólicas dos *lofi beats* proporcionam a construção de uma ambiência propícia para a concentração do ouvinte. No entanto, esse enfoque da imprensa a respeito do gênero acabou contribuindo para sua generalização como “música de trabalho e estudo” no senso comum.

Outra temática que me despertou interesse nos comentários dos vídeos mencionados foi a da nostalgia sentida por esses ouvintes ao consumirem os vídeos dos gêneros e subgêneros mencionados anteriormente, que parecia ser evocada por um certo imaginário *lofi* (Conter, 2016) – ou seja, de “baixa fidelidade” – compartilhado por essas expressões musicais, perceptível tanto em suas sonoridades quanto em suas “audiovisualidades” (Gutmann, 2021)³. Segundo o *YouTube Culture & Trends Report* (2022)⁴, relatório oficial da empresa, 82% dos jovens da geração Z haviam buscado conteúdos na plataforma para se sentirem nostálgicos em 2021⁵. Percebi então que, para além de minha percepção pessoal ao ler os comentários, havia realmente uma tendência de consumo relacionado à nostalgia naquele período⁶.

Apesar de a nostalgia não ser um fenômeno contemporâneo, durante a pandemia diversos indivíduos buscaram conforto em produtos culturais do passado, como filmes exibidos em cinemas *drive-in* e programas de TV antigos (Johnson, 2020), para conseguirem lidar

1 – É importante reforçar que a autora entrevistou apenas “mulheres de diferentes grupos de idade em áreas metropolitanas e pequenas cidades dos Estados Unidos e Reino Unido” (DeNora, 2000, p. xi, tradução minha).

2 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/yc6cfjwa>>. Acesso em: 28/03/24.

3 – Os vídeos de *lofi hip hop* podem ser considerados como “audiovisual em rede”, ou seja, uma “forma audioverbovisual (trama de imagens, sons e textos) que se articula em rede pelas ambiências digitais, entrelaçando plataformas, corpos e sujeitos em expressões comunicacionais diversas numa dinâmica de produção, circulação e consumo em fluxo” (Gutmann, 2021, p. 12).

4 – Disponível em: <<https://www.youtube.com/trends/report/2022/>>. Acesso em: 28/03/24.

5 – A pesquisa sempre apresenta os dados do ano anterior.

6 – Outra pesquisa interessante é o relatório *Culture Next 2021*, produzido pelo Spotify, que apontava que os *millennials* – pessoas nascidas entre a década de 1980 e o final dos anos 1990 – ouviram “*playlists* nostálgicas” para relaxar durante a pandemia. No Brasil, entre março de 2020 e de 2021, houve um aumento de 45% da escuta de *hits* dos anos 1980 e em 13% de baladas dos anos 1970. Disponível em: <<https://culturenext.byspotify.com/pt-BR>>. Acesso em: 20/03/24.

com o período de isolamento social. Jacks *et al* (2020) apontam que as reprises de telenovelas foram um alento para muitas pessoas nessa época, pois funcionavam como uma espécie de “arquivo de nossa memória afetiva”. De acordo com Svetlana Boym (2001), momentos históricos de mudanças radicais (como guerras e catástrofes) tendem a acentuar sentimentos nostálgicos.

A partir desses apontamentos, o artigo tem a proposta de analisar como a nostalgia se manifesta através da sonoridade e visualidade dos vídeos de *lofi hip hop* no YouTube (instância da produção) e dos comentários deixados pelos seus ouvintes/consumidores (recepção). Até o momento, não se verificam muitos estudos acadêmicos a respeito do *lofi hip hop*. Em português, destaco os trabalhos de Santa Rosa e Janotti (2019) e Landarini (2023). Em língua inglesa, as obras de Winston e Saywood (2019), Wang (2020), Porfirio (2021) e Neal (2022). Vale ainda a menção a Ballam-Cross (2021), apesar de não focar especificamente o gênero.

O método adotado neste estudo foi a netnografia, a partir da qual se observou as dinâmicas sociais articuladas na rede de vídeos relacionados ao gênero musical, levando em consideração que esta é um “recorte comunicacional [...] e não a comunidade em si” (Amaral *et al*, 2008, p. 39). Ressalto que atuei como uma observadora, não interagindo com os outros usuários no campo de comentários. Como explica Kozinets (2014, p. 126), a qualidade etnográfica de uma pesquisa não está necessariamente na participação direta do pesquisador na comunidade estudada, já que a abordagem pode ser “pragmática-interacionista”, na qual “cada postagem interativa é uma ação social, um desempenho comunicativo que pode ser concebido como um ‘jogo de linguagem’”. Além dos conteúdos textuais, este tipo de análise “deve incluir os aspectos gráficos, visuais, de áudio e audiovisuais dos dados da comunidade online” (Kozinets, 2014, p. 127).

Na primeira parte do trabalho, apresento uma revisão bibliográfica sobre o tema da nostalgia a partir de uma articulação entre referenciais clássicos (Boym, 2001; Löwy e Sayre, 1993; Halbwachs, 1990) e contemporâneos, que aproximam o debate do consumo midiático (Niemeyer, 2018; Goulart Ribeiro, 2018; Pickering e Keightley, 2006) e musical (Reynolds, 2011; Ballam-

-Cross, 2021; Winston e Saywood, 2019). Em seguida, elaboro um levantamento dos canais e vídeos de *lofi hip hop* mais populares (com mais visualizações) no YouTube, elencando alguns dos elementos presentes em sua audiovisualidade musical. Para a coleta dos dados na plataforma, utilizei a ferramenta YouTube Data Tools⁷, que permite que as informações sobre os vídeos sejam baixadas, catalogadas em uma planilha e filtradas por ano, quantidade de curtidas, entre outros aspectos. No caso dos comentários, o *corpus* foi restrito ao ano de 2020, o primeiro ano da pandemia de Covid-19⁸.

Nostalgia: uma breve revisão de literatura

A etimologia do termo “nostalgia” deriva do grego – *nostos* (“casa”) + *algos* (“saudade” ou “dor”) – e foi cunhado pelo médico suíço Johannes Hofer em 1688. Conforme descreve Svetlana Boym (2001), a definição proposta por Hofer remetia à sensação de tristeza relacionada ao desejo de retorno à terra natal. Considerada como uma patologia pela medicina da época, os sintomas da nostalgia eram confundidos com os da tuberculose (Boym, 2001, p. 11), e, dentre suas vítimas, estavam principalmente soldados e marinheiros alocados em países distantes e camponeses que haviam migrado das zonas rurais para as cidades. Ela só desaparece do vocabulário médico no final do século XIX, e seu sentido metafórico de perda ou saudade de um lugar ou tempo torna-se dominante no senso comum (Pickering e Keightley, 2006, p. 922).

A transição para a modernidade trouxe consigo novos valores relacionados ao modo de vida urbano, com seus hiperestímulos (Simmel, 1973), sensação de aceleração do tempo e condições de trabalho impactadas pela progressiva industrialização. Parte dos indivíduos modernos sentia-se saudosa em relação à estabilidade que o passado parecia oferecer, com seu aparente senso de continuidade, coesão social e tradição (Boym, 2001, p. 17). Para Boym, a nostalgia, nesse caso, é “o luto pela impossibilidade do retorno mítico, pela perda de um mundo encantado com fronteiras e valores claros” (2001, p. 8)⁹.

Michael Löwy e Robert Sayre (1993) identificam

7 – Disponível em: <<https://ytdt.digitalmethods.net/>>. Acesso em: 29/03/24.

8 – De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia teve início em 11 de março de 2020 e terminou em 5 de maio de 2023.

9 – Tradução minha.

a nostalgia como um sentimento ligado a uma visão de mundo romântica. De acordo com os autores, o romantismo foi um movimento antimoderno, uma reação tanto ao racionalismo proposto pelos ideais iluministas quanto às transformações culturais, econômicas e sociais em curso no período. A nostalgia vinha a reboque da ideia de um progresso hegemônico e definitivo, uma das bases ideológicas do sistema capitalista, que mirava seu olhar ao futuro, rejeitando o passado. Löwy e Sayre propõem que ela pode ser evocada por diversos espectros políticos – inclusive pela extrema-direita, como é o caso do romantismo fascista. Esse desejo reacionário de retorno ao passado relaciona-se ao conceito de “nostalgia restauradora”, proposto por Boym (2017).

Ao contrário do trauma, que é “uma ferida aberta e uma dor que não passa, um ‘passado’ que insiste em não passar”, a nostalgia manifesta-se como “uma melancolia que, paradoxalmente, se sente com algum prazer” (Freixo *et al.*, 2017, p. 139). Michael Pickering e Emily Keightley (2006) explicam que ela se relaciona tanto ao indivíduo (sensação de perda de um passado idealizado) quanto à coletividade (percepção pública de um determinado período ou fato histórico). Individualmente, uma pessoa pode se sentir nostálgica em relação a certo acontecimento vivido por ela junto a outras pessoas no passado – como a lembrança de um momento em família. Com base no pensamento de Maurice Halbwachs (1990), entende-se que mesmo a memória individual possui uma dimensão coletiva, conectando-se aos imaginários, práticas e vivências dos grupos sociais dos quais o indivíduo participa. Nesse sentido, a memória, diferentemente da história, está em constante transformação, pois possui “um elo vivido no eterno presente” (Nora, 1984, p. 9).

Importante mencionar que muitas das experiências coletivas são vivenciadas através das mídias e dos meios de comunicação. Especialmente após o desenvolvimento e popularização da internet, a dimensão coletiva se expandiu ainda mais, assumindo um caráter transnacional e ubíquo, já que é possível o compartilhamento de informações e o engajamento em debates com outras pessoas independentemente de sua localização espaço-temporal.

No ambiente acadêmico, a discussão sobre a memória ganha força nos anos 1980 e 1990, em especial com os estudos de Pierre Nora e Michael Polak. Na mesma época, como aponta Ana Paula Goulart Ribeiro (2018), a nostalgia se torna objeto de análise nas ciências sociais. Os autores dessa primeira geração – Fred Davis, Fredric Jameson e Linda Hutcheon – estudavam o tema em relação à cultura da mídia. Já as pesquisas desenvolvidas após os

anos 2000, por autores como Katharina Niemeyer, Amy Holdsworth, Christine Sprengler, Gary Cross, e Linda Beail e Lilly Goren, partem da ideia de que o “gesto nostálgico” pode assumir sentidos variados e ambíguos:

Pode-se fazer de uma forma romântica e pouco problematizadora, mas também com uma intenção crítica, não só em relação ao passado propriamente dito, mas ao que dele permanece no presente. Pode-se exprimir melancolia e saudosismo, mas também positividade e alegria. Pode representar alienação e escapismo, mas também pode proporcionar uma experiência rica e reflexiva. Pode se esgotar na imediatez do consumo ou sedimentar algum tipo de conhecimento. (Goulart Ribeiro, 2018, p. 3, grifos meus).

Katharina Niemeyer (2018, p. 31) também realiza um levantamento do estado da arte do campo dos “estudos da nostalgia” contemporâneos. Segundo a autora, os trabalhos de Scanlan (2004) e Pickering e Keightley (2006), nos estudos culturais e sociologia, respectivamente, propuseram “um chamado para repensar o lugar da nostalgia”. Ela sinaliza que é em meados de 2010 que a relação entre nostalgia, mídia e comunicação começa a ser pensada de forma mais consistente.

Niemeyer propõe que a nostalgia pode ser amplificada e desencadeada pelo “acúmulo e o aumento da disponibilidade de imagens, textos e sons do passado” (p. 34). A pesquisadora denomina como “tecnostalgia” aquela que é acionada por tecnologias e dispositivos midiáticos, abrangendo também “rituais, lugares e modo de vida que faziam parte dela” (p. 37). No imaginário coletivo, a nostalgia é frequentemente associada aos objetos e práticas analógicas, como o colecionismo de discos de vinil (Gauziski, 2013), por exemplo. Todavia, Niemeyer reforça o lugar do digital nesse processo:

Muitas vezes rejeitamos a ideia de que objetos digitais são agentes sensoriais, que eles estão no mesmo nível ou têm o mesmo valor simbólico que objetos que podemos tocar fisicamente. E, no entanto, o sentimento nostálgico também pode ser expresso por objetos que nunca estiveram presentes para nós em sua forma analógica. Eles são ‘ícones digitais’ que nos transportam para um espaço social e um tempo no passado, compartilhados com amigos ou familiares. É, portanto, ‘nossa’ história pessoal ou institucio-

nal que está vinculada a esse objeto 'digital'. Em outras palavras, são rituais e histórias que transformam esses objetos digitais em agentes. Um videogame antigo ou GIF animado pode, portanto, ter o mesmo potencial nostálgico de um carro dos anos 20 ou de um cassete VHS.” (Niemeyer, 2018, p. 38, grifos meus).

Os artefatos – sejam eles analógicos ou digitais – funcionam como pontos de ancoragem para nossas memórias. Na citação acima, Niemeyer aponta que não precisamos ter um contato físico direto com os objetos para que a nostalgia seja acionada ou construída: a relação que temos com eles pode ser indireta, mediada pelos meios de comunicação.

Essa proposição da autora se conecta com o estudo de Paul Ballam-Cross (2021) a respeito do *chillwave*, *synthwave* e *vaporwave*, subgêneros musicais nascidos na cultura digital. O autor propõe que as sonoridades e imagens das décadas de 1980 e 1990 evocadas (e imaginadas) por eles são uma forma de “nostalgia reconstruída”: “Os ouvintes abraçam coletivamente as reinterpretações [...] dessas épocas, muitas vezes confiando, em parte, em suas próprias memórias, mas, em última análise, criando algo que é simultaneamente nostálgico e novo” (Ballam-Cross, p. 72)¹⁰.

A partir de referenciais da Psicologia, o autor afirma que geralmente as músicas que despertam nostalgia no ouvinte fazem parte de seu repertório. Ou seja, esse processo tende a acontecer com objetos familiares ao sujeito. Mas como explicar a nostalgia evocada por uma música que nunca foi escutada antes? Ballam-Cross referencia o estudo de Russo (2014) sobre o *revival* do rock psicodélico nos anos 2000 por bandas como Tame Impala, que “resgatam” uma sonoridade característica da década de 1960. Pessoas jovens, que não viveram aquela cena musical diretamente, diziam se sentir nostálgicas em relação àquele período histórico ao escutar essas canções. Segundo Russo (*in* Ballam-Cross, 2014, p. 2-3), a explicação para isso se dá pelo acesso que temos às “representações altamente mediadas de nossa memória coletiva do passado”¹¹.

Para Simon Reynolds (2011), o acesso facilitado aos arquivos do passado, proporcionado pela internet e

as tecnologias digitais, foi um dos motivos para a intensificação da exploração da nostalgia na música pop na primeira década do século XXI, com seus *revivals*, *remakes* e relançamentos. A diferença entre aquele momento e outros períodos históricos – como o Renascimento, que se inspirava em referências do classicismo greco-romano, e o movimento gótico, nas da era medieval – é a sua obsessão pelos “artefatos culturais de seu próprio passado imediato” (p. xiii)¹², dando a sensação de um eterno *déjà vu*. O autor tem um olhar crítico a respeito do tema, alegando que o pop deveria ser sobre a juventude e o presente, não sobre o passado.

Por fim, cabe a menção ao caráter terapêutico e lúdico do fenômeno, que Boym (2001; 2017) chama de “nostalgia reflexiva”, contrária à “nostalgia reparadora”. Aquela consiste em “viver o tempo fora do tempo e de aproveitar o presente fugaz” (Boym, 2017, p. 159). Esse lado positivo da nostalgia também é abordado por Niemeyer (2018, p. 39-40), quando diz que ela nos possibilita “ser alegres e criativos, além de ser uma forma individual e coletiva de aliviar a dor do espaço, do tempo e da perda pessoal. Torna possível confrontar a irreversibilidade do tempo, nossa finitude e [...] permite que os seres humanos se (re-) conectem uns com os outros”.

Explorando os canais e vídeos de lofi hip hop no YouTube

A partir de um levantamento realizado no YouTube Data Tools em 29 de março de 2024, produzi um *ranking* dos canais de *lofi hip hop* mais relevantes no YouTube (fig. 1).

A tabela foi organizada utilizando o número de visualizações dos canais como parâmetro (do maior para o menor). Percebe-se que a ordenação também coincidiu com a quantidade de inscritos, à exceção do canal Lofi Fruits, que possui menos inscrições do que the bootleg boy 2 e Ambition, porém tem mais visualizações do que ambos. Esse caso em específico indica que não é apenas o número de inscritos de um canal que revela sua relevância no YouTube.

O canal Lofi Girl conta com mais inscritos do que os outros cinco seguintes somados, revelando um

10 – Tradução minha.

11 – Tradução minha.

12 – Tradução minha.







	Canal	Inscritos	Vídeos	Visualizações
1	 Lofi Girl	14,1 mi	146	1.897.522.049
2	 the bootleg boy	4,29 mi	1,3 mil	1.366.109.111
3	 Chillhop Music	3,28 mi	777	617.230.394
4	 Lofi Fruits	1,28 mi	783	599.393.339
5	 the bootleg boy 2	1,56 mi	559	315.384.315
6	 Ambition	1,57 mi	660	268.392.088

Figura 1. Levantamento dos seis canais de *lofi hip hop* mais relevantes no YouTube.

Figure 1. Survey of the six most relevant *lofi hip hop* channels on YouTube.

Fonte: Acervo da autora (dados coletados no YouTube Data Tools no dia 29 mar. 2024).

diferencial em relação aos demais. Um detalhe perceptível é que ele também tem muito menos vídeos postados (146) que os outros da lista, já que muitos conteúdos dele foram apagados no ano de 2023. O Lofi Girl foi destaque no relatório do YouTube de 2021, que se referia à sua “mascote” – a menina com fones de ouvido – como “um símbolo de uma experiência compartilhada e proximidade digital”¹³. Até 2021, o canal se chamava Chilled Cow, mas passou por um *rebranding* – alterando seu nome e identidade visual – após a popularidade da personagem. De acordo com dados do Social Blade¹⁴, o Lofi Girl é atualmente o quarto

maior canal da França, seu país de origem, e consta na posição 142 na categoria “música” no YouTube.

Outro dado interessante é que o canal mais antigo da lista é o Chillhop Music e, o mais recente, Lofi Fruits, cujos primeiros vídeos foram postados em janeiro de 2013 e janeiro de 2020, respectivamente. As primeiras postagens dos demais canais são: Lofi Girl (março de 2015), the bootleg boy 2 (maio de 2015), the bootleg boy (março de 2016) e Ambition (janeiro de 2017). Apesar do consumo do gênero ter aumentado exponencialmente durante a pandemia, apenas um dos seis canais mais populares do gênero (Lofi Fruits) foi criado nesse período.

13 – Tradução minha.

14 – Disponível em: <<https://socialblade.com/youtube/channel/UCSJ4gkVC6NrvII8umztf0Ow>>. Acesso em: 30/03/24.

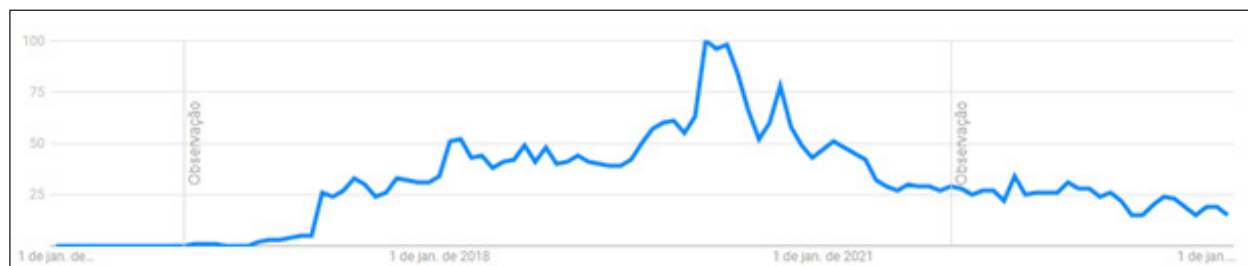


Figura 2. Pesquisa pelo termo “lofi hip hop” no Google Trends (jan. 2015-mar. 2024).
Figure 2. Search for the term “lofi hip hop” on Google Trends (Jan. 2015-Mar. 2024).

Fonte: Google Trends^(*).

Como revela o gráfico gerado no Google Trends (fig. 2), o pico histórico de popularidade do termo “lofi hip hop” ocorreu em fevereiro de 2020, um mês antes do anúncio da pandemia pela OMS. As buscas por ele começam a subir a partir de 2016¹⁵, embora haja três momentos anteriores a este ano em que o termo aparece no histórico (março de 2008, dezembro de 2012 e março de 2015), de forma ainda pouco relevante.

Vejam agora um levantamento dos seis vídeos mais populares (com mais visualizações) do gênero no YouTube (fig. 3).

Podemos perceber que duas transmissões (1º e 5º lugares) e um vídeo (2º lugar) do canal Lofi Girl integram a lista acima, o que reforça o seu lugar de importância em relação ao consumo de *lofi hip hop* na plataforma. Curiosamente, o terceiro vídeo com mais visualizações – *HILL VIBES | Chill & aesthetic music playlist* – foi publicado por um canal (EYM) que não consta entre os mais populares do gênero musical. Na lista dos canais mais relevantes, que pode ser observada parcialmente na fig. 1, ele não estava entre os 190 relacionados. Embora tenha 185 mil inscritos e 78.049.260 visualizações, esses valores são muito inferiores aos dos seis primeiros da tabela.

Outro ponto é que EYM não se define como um canal de *lofi hip hop*, mas sim de “chill beats”. Esse pode ser um dos motivos pelos quais o YouTube Data Tools não o identificou como um dos canais mais relevantes. Postado em 2017, antes da “viralização” do gênero, a própria

sonoridade das músicas que integram o vídeo mencionado difere bastante das transmissões e vídeos de *lofi hip hop* mais populares atualmente, assemelhando-se mais à estética do *hip hop* instrumental dos anos 1990 e da primeira geração do próprio *lofi hip hop* nos anos 2000 – como as composições do DJ e produtor japonês Nujabes, que é considerado um dos fundadores do gênero. Comparado aos outros vídeos do levantamento, as músicas neste são mais animadas (com um instrumental menos melancólico) e têm a batida mais acelerada, um indício de possíveis transformações estéticas do gênero ao longo do tempo.

Na comunidade (*subreddit*) “LofiHipHop” na plataforma Reddit, encontramos algumas postagens da década de 2010 nas quais os usuários compartilham suas percepções sobre o caráter experimental e “não-comercial” do gênero naquele momento. Atualmente, os novos *beatmakers* são muito criticados pelos ouvintes, artistas e produtores mais antigos por grande parte deles produzirem suas músicas a partir de *packs* (de batidas e instrumentais prontos para serem usados) e *plugins* que simulam um som “degradado”, comprados em sites na internet (Neal, 2022; Landarini, 2023). Uma das características sônicas do *lofi hip hop* atual é a emulação de uma baixa fidelidade a partir da inserção proposital de ruídos e “imperfeições” da materialidade analógica (“chiado” da reprodução do vinil, som de fitas cassete “mastigadas”, distorções etc.) nas músicas, que são produzidas digitalmente. Referências a *gadgets* ligados ao consumo musical

15 – Conforme explicado pelo Google News Initiative, quando as pesquisas são feitas por pouquíssimas pessoas, representando um baixo volume, elas aparecem como “0”, já que “o Trends somente analisa os dados para termos populares”. Disponível em: <<https://newsinitiative.withgoogle.com/pt-br/resources/trainings/google-trends-understanding-the-data/>>. Acesso em: 06/04/24.

(*) Disponível em: <<https://trends.google.com.br/>>.

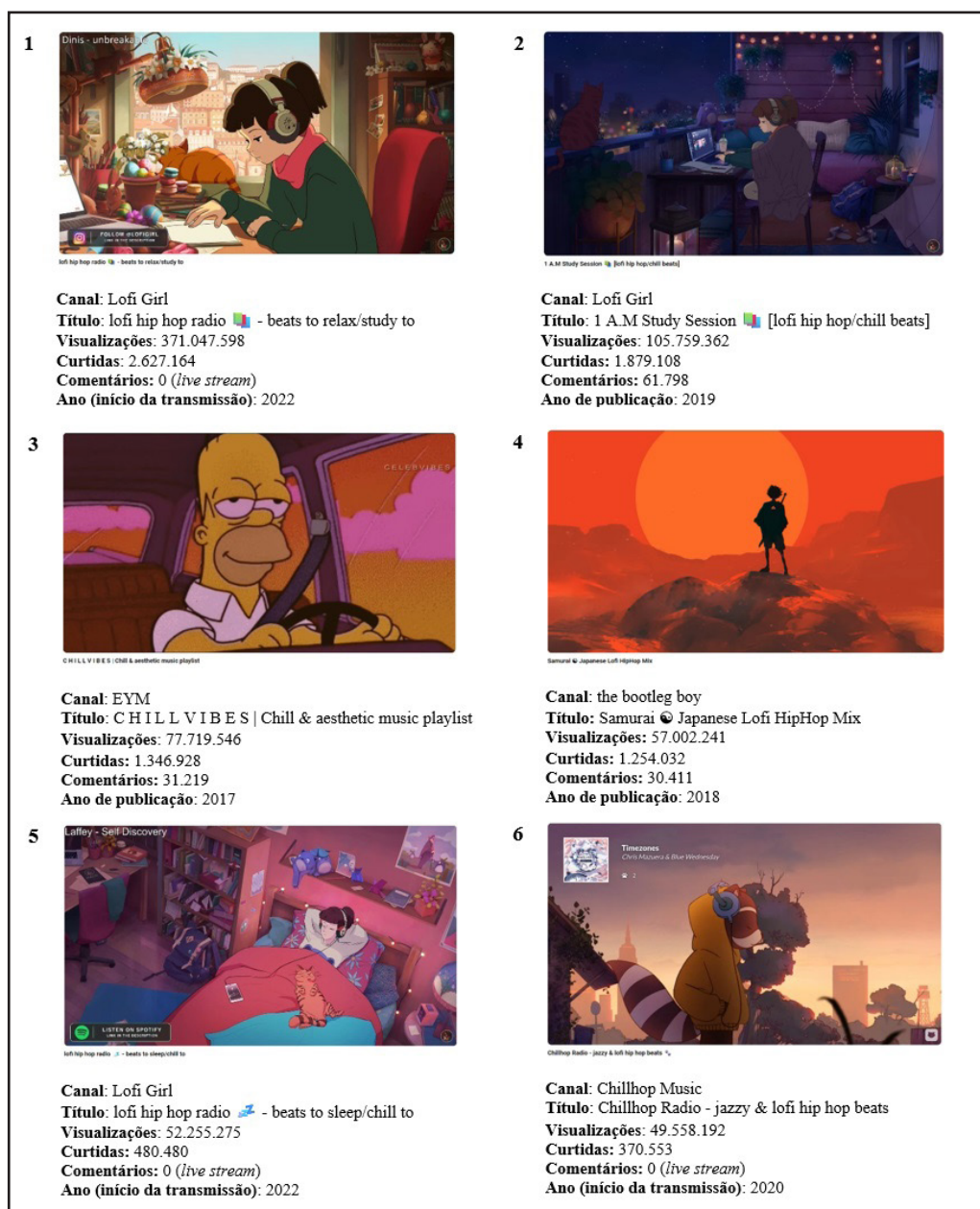


Figura 3. Os seis vídeos relacionados ao termo “lofi hip hop” com mais visualizações no YouTube^(*)(**).

Figure 3. Six videos related to the term “lofi hip hop” with the most views on YouTube.

Fonte: Acervo da autora (dados coletados no YouTube Data Tools no dia 30 mar. 2024).

(*) Links dos vídeos da imagem: [1] <<https://tinyurl.com/mr3df228>>; [2] <<https://tinyurl.com/29ayaxbx>>; [3] <<https://tinyurl.com/3w3nh3de>>; [4] <<https://tinyurl.com/nh55xx6k>>; [5] <<https://tinyurl.com/y6un8z5v>>; [6] <<https://tinyurl.com/4rh3arpf>>. Acesso em: 30/03/24.

(**) O quarto vídeo elencado pelo YouTube Data Tools como o mais popular relacionado ao termo “lofi hip hop” foi desconsiderado por não ter as características sônicas do gênero e se definir como “trap & bass” e “trapanese”. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mr2yksj9>>. Acesso em: 30/03/24.

(como toca-discos, discman, walkman, iPods e fones de ouvido *vintage*¹⁶) aparecem ilustrados nas imagens das capas e animações exibidas ao fundo dos vídeos.

Outro aspecto visual notável no nicho do *lofi hip hop* são as mascotes dos canais: Lofi Girl, Chillhop Music e Lofi Fruits¹⁷, por exemplo, são representados por uma menina com fones de ouvido, um guaxinim e uma fatia de melancia, que figuram em todos os vídeos. Na maior parte dos conteúdos, esses personagens estão sozinhos e aparentam certa melancolia e solidão¹⁸ em suas expressões e gestos. A menina do Lofi Girl sempre tem a companhia de seu gato nos vídeos, mas não de outros “humanos”. Recentemente, o canal lançou um novo personagem (Lofi Boy), porém ele e a “menina lofi” ainda não se encontraram¹⁹. Já o guaxinim do Chillhop Music costuma estar sozinho nos vídeos, mas seus amigos animais (um tucano, uma coelha e um urso antropomorfizados) o acompanham em alguns deles. O mesmo acontece com a fatia de melancia do Lofi Fruits, representada tanto solitária (e, em alguns dos vídeos, depressiva) quanto na companhia de outros pedaços da fruta. Os personagens presentes em Lofi Girl e Chillhop Music são comercializados na forma de produtos (animais de pelúcia, chaveiros, entre outros itens) nas lojas dos canais²⁰.

O terceiro vídeo com mais visualizações na fig. 3 tem uma animação em *looping* do personagem Homer Simpson dirigindo seu carro, com uma expressão facial (olhos semicerrados) que pode ser de cansaço ou do efeito de substâncias psicodélicas²¹. O uso de imagens e vídeos da cultura pop é comum, porém canais maiores têm investido em ilustrações e animações originais, também por uma questão de direitos autorais. Até 2021, o canal

Lofi Girl utilizava um GIF de Shizuku, protagonista do anime *Sussurros do coração* (1995), em sua *live stream* mais famosa, que foi derrubada em 2022 por conta de problemas de *copyright* com o Studio Ghibli (Melrose *et al*, 2024). Nos canais Lofi Fruits e the bootleg boy 2, ainda encontramos diversas referências a personagens de programas de TV, animes, videogames e quadrinhos – como Dragon Ball²², Pokémon²³, Mario Kart²⁴, Garfield²⁵, Bob Esponja²⁶, Hora de Aventura²⁷, para citar alguns. Algo muito curioso é que personagens de conhecidos desenhos animados costumam ser representados fumando maconha no canal the bootleg boy 2.

No contexto estadunidense, o programa de TV Adult Swim teve um papel importante na disseminação do *lofi hip hop* nos anos 2000. Como discutido por Fintoni (2020), ao longo do intervalo comercial, eram reproduzidos cliques animados com poucos segundos de duração (“*bumpers*”), que tocavam músicas de artistas do gênero, como Nujabes e J Dilla. Além disso, diversos animes, como *Cowboy Bebop* (1998), integravam a programação. Outro ponto é que o produtor japonês Nujabes, além de ser um dos idealizadores da sonoridade do gênero ao mesclar *samples* de jazz com as batidas do *hip hop*, também compôs a trilha sonora do anime *Samurai Champloo* (2004) – inclusive, uma imagem inspirada no anime (a silhueta do personagem Mugen observando o pôr do sol) é exibida ao fundo do vídeo 4 na fig. 3. Isso explica parcialmente as menções à cultura pop japonesa nos vídeos de *lofi hip hop*, que podem ser nostálgicas para os fãs *millenials* que as consumiam durante a infância (mas não explica diretamente o apelo para a geração Z).

16 – Na fig. 3, nota-se que os personagens escutam música com fones de ouvido nas *lives* 1, 5 e 6 e no vídeo 2.

17 – Esses três canais, dentre os seis presentes na figura 1, são os que têm um enfoque maior na narrativa transmídia, que é construída através de várias plataformas, para além do YouTube (Instagram, X (antigo Twitter), Spotify, Deezer, Discord, Reddit etc.).

18 – Alegria de se estar sozinho e aproveitar a própria companhia.

19 – No vídeo “Snowman”, postado no canal em dezembro de 2023, os personagens passam um pelo outro em uma rua, mas não percebem. Disponível em: <<https://tinyurl.com/38ka64ut>>. Acesso em: 07/04/24.

20 – Disponível em: <<https://lofigirlshop.com/>> e <<https://shop.chillhop.com/>>. Acesso em: 07/04/24.

21 – Nos comentários, alguns usuários relatam o uso de maconha enquanto escutam a *playlist* do vídeo.

22 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/mpunvzdj>>. Acesso em: 11/04/24.

23 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/8tb2rmtd>>. Acesso em: 11/04/24.

24 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/mvcj7phz>>. Acesso em: 11/04/24.

25 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/3wu4rr2h>>. Acesso em: 11/04/24.

26 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/5n93y6t7>>. Acesso em: 11/04/24.

27 – Disponível em: <<https://tinyurl.com/2kj2tetu>>. Acesso em: 11/04/24.

O campo de comentários do YouTube como território de compartilhamento de sentidos

A seção de comentários nos vídeos do YouTube é um território rico para a exploração de sentidos associados ao consumo musical. Nela, as escutas individuais se tornam coletivas, pois os usuários compartilham suas percepções e interagem uns com os outros (curtidas e respostas), formando uma espécie de comunidade de ouvintes. Por uma questão de delimitação de *corpus*, a coleta se restringiu apenas aos comentários postados em 2020 (primeiro ano de pandemia) no vídeo “1 A.M Study Session 🎧 [lofi hip hop/chill beats]” (canal Lofi Girl), o segundo mais popular de *lofi hip hop* no YouTube, presente no levantamento da fig. 3. Como não é possível coletar os comentários das transmissões (*live streams*) com o YouTube Data Tools, apenas dos vídeos publicados, o primeiro resultado do levantamento (“lofi hip hop radio 🎧 - beats to relax/study to”) foi desconsiderado. Além disso, as interações presentes nas transmissões são mais efêmeras, possuindo uma função mais fática do que expressiva, por isso não ofereceriam *insights* tão relevantes para a pesquisa.

Mesmo fazendo esse recorte, me deparei com um número muito grande de comentários (60.371), por isso optei por pesquisar por termos específicos (“*nostalgia*”, “*memory*” e “*memories*”). Apenas nove comentários mencionavam explicitamente o termo “nostalgia”. Por sua vez, “*memories*” aparecia em 27 deles, e “*memory*” em nove. Isso foi uma surpresa, pois eu esperava encontrar um número muito maior de comentários que contivessem essas palavras. A seguir, relaciono aqueles que considerei mais relevantes, a partir de chaves temáticas. Eles foram traduzidos do inglês para o português.

NOSTALGIA DA INFÂNCIA

Comentário 1: “Estou tentando fazer a lição de casa, mas essa música está despertando tantas lembranças de infância, e agora só quero chorar com a nostalgia”.

Comentário 2: “[...] Tenho pavor do futuro, mas quando ouço essa música ele não parece tão ruim. Tenho algumas lembranças da minha infância, mas são muito vagas. [...] As pessoas criam as melhores lembranças quando são jovens”.

Comentário 3: “[...] a vida parecia tão simples e

fácil porque éramos tão jovens e livres de estresse, sem nos importarmos com o que os outros pensavam e a única coisa que nos fazia chorar constantemente eram cebolas e [...] não ter chocolate na geladeira. Eu amaria voltar, [...] criar mais memórias e é assim que essa música me faz sentir”.

ACIONAMENTO INTENCIONAL DA NOSTALGIA

Comentário 4: “Costumava me divertir com essas músicas quase todas as noites enquanto fazia meu dever de casa. Agora só as ouço por nostalgia lol”.

USO TERAPÊUTICO DA ESCUTA MUSICAL

Comentário 5: “Neste sábado, faz um ano que perdi minha mãe Anett devido a um acidente. Ela era um anjo, de apenas 54 anos, cuidava de tantas pessoas, família, animais de estimação e filhos adotivos. Esses dias trazem de volta as lembranças horríveis do ano passado e me fazem sentir sua ausência tão intensa. Essa música e a seção de comentários estão me acalmando e ajudando a ganhar forças, para lidar com minha perda e tristeza. Obrigado!”.

NOSTALGIA SEM MOTIVO IDENTIFICÁVEL

Comentário 6: “Esse vídeo me dá nostalgia por absolutamente nenhum motivo”.

INCERTEZA E ESQUECIMENTO DE MEMÓRIAS

Comentário 7: “[...] Às vezes, quando estou apenas fazendo alguma coisa, tenho uma lembrança aleatória e parece que ela já aconteceu milhares de vezes. Nenhum momento pode durar para sempre através das memórias, elas desaparecem e se misturam a todo o resto. Pedacos e peças se espalham. Mas quando você encontra ou se lembra de um pedaço da memória despedaçada, tudo volta à tona como uma enxurrada, ou como um ímã juntando tudo”.

MEMÓRIAS EVOCADAS PELA ESCUTA

Comentário 8: “Isso traz de volta tantas memórias!! Estava escutando essa playlist em Nova York no início deste ano...”

Comentário 9: “Aquele primeira música traz de volta memórias que eu não sabia que tinha. Me faz querer chorar”.

Comentário 10: “Tive que pular todas as músicas boas para me manter focado (porque quando encontro uma música boa, ela me faz lembrar de lembranças muito tranquilas), então acabei escolhendo outro vídeo :(mas voltei para assistir mais tarde :)”.

NOSTALGIA NA/DA PANDEMIA²⁸

Comentário 11: “Obrigada por essa mensagem. O *lockdown* trouxe de volta algumas memórias perturbadoras e dolorosas. Ver seus comentários me dá esperança de que eu vou passar por isso :)”.

Comentário 12: “Isso me dá nostalgia das aulas online”.

Comentário 13: “As provas passaram... Agora isso [a música] está me dando nostalgia das provas nessa quarentena. Lol”.

Comentário 14: “As provas acabaram... Agora essa música me dá nostalgia dos dias que eu ficava acordado até 2 da manhã estudando com essa música”.

DeNora (2000, p. 65) aponta que ao escutamos música acontece uma pré-ativação de uma rede de associações, trazendo de volta “ondas de emoção, a especificidade de um tempo, um evento, um relacionamento”²⁹. A música nos ajuda a “lembrar quem éramos num certo tempo”³⁰, sendo um importante recurso para a construção de nossa subjetividade (DeNora, 2000, p. 57). Lembranças são reconstruções de experiências passadas no tempo presente, já que a memória não é um processo estanque, envolvendo inclusive uma certa dose de imaginação, fantasia e até mesmo de esquecimento³¹. Sendo assim, o processo mnemônico não ocorre de forma linear, como percebido no relato do comentário 7, reproduzido anteriormente. Também é interessante observar nos comentários 6 e 9

que a pessoa que sente a nostalgia não necessariamente consegue entender ou verbalizar porque a sentiu. A nostalgia da infância, que costuma afetar muitos indivíduos (Moran, 2002)³², foi manifestada nos comentários 1, 2 e 3.

Nos excertos de comentários acima, é possível perceber que a escuta do *lofi hip hop* também foi utilizada de forma terapêutica pelos ouvintes, a exemplo dos comentários 2 (para enfrentar a ansiedade), 5 (para lidar com o luto de um familiar), 10³³ (para promover a concentração) e 11 (para manter a positividade durante o *lockdown*). Os comentários 1 e 9 mencionam a vontade de chorar ao escutar as músicas, por conta de sua sonoridade melancólica.

Em geral, associamos a escuta do gênero a espaços privados, como os quartos, muito representados, inclusive, no cenário das animações dos vídeos (Landarini, 2023), mas o comentário 8 faz menção à escuta durante uma viagem e não para criar uma ambiência propícia ao trabalho ou estudo. O comentário 10, por sua vez, menciona que a escuta da música – que era “boa” e fazia o usuário ter “lembranças muito tranquilas” – foi disruptiva para a concentração, logo ele teve que sair do vídeo e voltar depois para ouvir com calma.

Alguns usuários também relataram se sentirem nostálgicos em relação a momentos específicos da pandemia (12, 13 e 14). É ainda mais curioso esses comentários terem sido publicados ainda em 2020, o primeiro ano “pandêmico”. À época, por conta do confinamento, muitas pessoas relataram a sensação de alteração em sua percepção do tempo (Biernath, 2022). Embora pareça contraditório, já que aquele foi um período trágico da história recente, venho percebendo esse tipo de relato – a respeito da saudade de momentos específicos da pandemia – em alguns vídeos de *lofi hip hop*, inclusive nos mais recentes.

Considerações finais

A partir de uma análise exploratória dos canais de *lofi hip hop* mais populares no YouTube, o presente

28 – O mesmo usuário postou os comentários 13 e 14.

29 – Tradução minha.

30 – Tradução minha.

31 – O esquecimento é uma dimensão fundamental para o bom funcionamento da memória. Sobre esse tema, vale a leitura do conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luís Borges (1997). O personagem Funes relembra os mínimos detalhes de tudo o tempo inteiro, algo que torna sua vida impossível de ser vivida plenamente no presente.

32 – Isso também dependerá do quão estável e tranquila foi a vivência da infância.

33 – Neste comentário, o ouvinte explica que saiu do vídeo para conseguir se concentrar, pois as lembranças durante a escuta das músicas “boas” eram uma distração para o estudo. No entanto, o objetivo inicial era utilizá-lo para construir uma ambiência para o foco.

artigo buscou compreender a estetização da nostalgia nos vídeos relacionados ao gênero, identificando os aspectos presentes em suas sonoridades, visualidades e interações no campo de comentários. Uma das conclusões do trabalho é que os ouvintes de *lofi hip hop* se engajam em torno de um passado ficcional, imaginado coletivamente a partir de referências midiáticas fragmentadas (Winston e Saywood, 2019) na audiovisualidade dos conteúdos disponíveis na plataforma.

As sonoridades e os elementos visuais relacionados ao gênero remetem a um imaginário *lofi*, uma “tecnostalgia”, nas palavras de Niemeyer (2018). Uma fatia grande dos consumidores dos *lofi beats* é composta por gerações mais jovens, que provavelmente não tiveram um contato tão direto com a materialidade das tecnologias analógicas representadas e remediadas esteticamente nos vídeos (por exemplo, discos de vinil, fitas cassete e VHS). As representações digitais desses objetos, no entanto, também são capazes de produzir um efeito nostálgico (tanto ao referenciar artefatos do passado midiático quanto em si mesmas).

Conforme discutido anteriormente, no nicho do *lofi hip hop* no YouTube há também muitas alusões a elementos da cultura pop massiva dos anos 1990 e 2000, que fizeram parte da infância e adolescência de parte de seus consumidores, como personagens de animes e desenhos animados e às trilhas sonoras de animações japonesas – vide que Nujabes, um dos principais precursores do *lofi hip hop*, foi compositor de uma. Inclusive, na melodia de muitas composições contemporâneas do gênero, nota-se o timbre do instrumento musical koto, espécie de cítara tradicional japonesa.

Durante a escuta musical na plataforma, os usuários costumam prestar atenção nas animações e imagens exibidas ao fundo dos vídeos e tecer comentários a seu respeito. Neste artigo, a partir do vídeo selecionado para análise, dei enfoque apenas aos comentários que abordavam as temáticas da memória e da nostalgia no primeiro ano de pandemia – e, para minha surpresa, poucos mencionavam explicitamente esses termos. Diversos deles apontavam que, na animação de fundo, a personagem Lofi Girl estava acessando o Spotify (ou seja, procrastinando ao invés de estudar) ou comentavam os detalhes do cenário (e o desejo de terem um ambiente parecido em suas casas). Outras temáticas que apareceram foram produtividade no trabalho ou estudo, dicas de estudo e reforços positivos.

Um ponto que chama atenção é que os relatos e percepções compartilhados nos vídeos de *lofi hip hop* costumam ter um caráter bastante pessoal, em tom de desabafo, funcionando como uma espécie de terapia coletiva. É comum os usuários elogiarem essas interações presentes no campo de comentários, percebido por eles como um ambiente positivo.

Por fim, em futuras incursões no tema, pretendo incluir mais vídeos e um volume maior de comentários na análise, a fim de identificar novas camadas de sentidos – inclusive os não-explicitos – presentes nas redes de produção e consumo do *lofi hip hop* no YouTube. Essa ampliação do *corpus* possibilitará expandir a compreensão das temáticas e dos elementos associados à sua escuta, verificando as transformações que apresentam no decorrer do tempo.

Referências

- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. 2008. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Famecos*, **13** (20): 34-40.
- BALLAM-CROSS, P. 2021. Reconstructed Nostalgia: Aesthetic Commonalities and Self Soothing in Chillwave, Synthwave, and Vaporwave. *Journal of Popular Music Studies*, **33** (1): 70-93.
- BIERNATH, A. 2022. Pesquisa mostra como a pandemia de covid alterou nossa percepção do tempo. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-61221868>>. Acesso em: 14/04/24.
- BORGES, J. 1997. Funes, o memorioso. In: BORGES, J. Ficções. São Paulo, Editora Globo, p. 109-117.
- BOYM, S. 2001. *The future of nostalgia*. New York, Basic Books, 404 p.
- _____. Mal-estar na nostalgia. 2017. *História da historiografia*, Ouro Preto, **10** (23): 153-165.
- BREVE, G. 2021. Conheça o Lo-fi, gênero musical que ajuda a ter foco para estudos e trabalho. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/conheca-o-lo-fi-genero-musical-que-ajuda-a-ter-foco-para-estudos-trabalho-e-sexo/>>. Acesso em: 30/03/24.
- CONTER, M. 2016. *LO-FI: música pop em baixa definição*. Curitiba, Appris, 320 p.
- DeNORA, T. 2000. *Music in everyday life*. Cambridge, Cambridge University Press, 181 p.
- FINTONI, L. 2020. *Bedroom Beats & B-sides: Instrumental hip hop & electronic music at the turn of the century*. England, Velocity Press, 388 p.

- FREIXO, A. de L.; ABREU, M. S. de; DA MATA, S. 2017. A nostalgia como problema metahistórico: uma introdução. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, **10** (23): 138-141.
- GAUZISKI, D. 2013. O resgate do vinil: uma análise do mercado atual e dos colecionadores na cidade do Rio de Janeiro. *C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, **28**: 83-94;
- _____. 2024. Paisagens sonoras da produtividade: músicas e sonoridades para foco e concentração no YouTube. In: *Sons do fim do mundo - III Conferência Internacional de Pesquisa em Sonoridades*. Niterói, 2024, no prelo.
- GOULART RIBEIRO, A. P. 2018. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. *E-Compós*, **21** (3): 1-15.
- GUTMANN, J. 2021. *Audiovisual em rede: derivas conceituais*. Belo Horizonte, Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 103 p.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Edições Vértice, 222 p.
- JACKS, N.; LIBARDI, G.; CAROLINE, J.; SCALEI, V. 2020. Telenovela e memória: “Vale a pena ver de novo?”, reprises em tempo de pandemia. *RuMoRes*, **14** (28): 46-76.
- KOZINETS, R. 2014. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre, Penso, 103 p.
- LANDARINI, S. 2023. O musicar e a acustemologia no lofi hip hop. *Proa: Revista de Antropologia e Arte*, **13**: 1-22.
- LÖWY, M.; SAYRE, R. 1993. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 98 p.
- MELROSE, K.; FREEDMAN, M.; MELZER, J.; ROY, J. 2024. Studio Ghibli Is to Thank for YouTube’s Lofi Girl. Disponível em: <<https://www.cbr.com/lofi-girl-studio-ghibli-whispers-of-heart/>>. Acesso em: 15/04/24.
- MORAN, J. 2002. Childhood and nostalgia in contemporary culture. *European Journal of Cultural Studies*, **5**(2): 155-173.
- NEAL, A. 2022. Lo-fi Today. *Organised Sound*, **27** (1): 32-40.
- NIEMEYER, K. 2018. O poder da nostalgia. Sobre o papel e o lugar da mídia e da comunicação (acadêmicos) em estudos sobre nostalgia. In: CRUZ, L. S.; FERRAZ, T. *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. Rio de Janeiro, E-Papers, p. 29-45.
- NORA, P. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, **10**: 7-28.
- OLIVEIRA, L. 2021. Lo-fi: conheça a música instrumental que virou fenômeno em playlists para estudar, trabalhar e até transar. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/lo-fi-conheca-musica-instrumental-que-viceo-um-fenomeno-em-playlists-para-estudar-trabalhar-e-ate-transar-25241332>>. Acesso em: 30/03/24.
- PICKERING, M.; KEIGHTLEY, E. 2006. The Modalities of Nostalgia. *Current Sociology*, **54** (6): 919-941.
- PORFÍRIO, J. 2021. Sleep/relax/work/study/read: YouTube, sound, and music in the construction of listening spaces to fall asleep. *SoundEffects - An Interdisciplinary Journal of Sound and Sound Experience*, **10** (1): 27-41.
- REYNOLDS, S. 2011. *Retromania: Pop Culture’s Addiction to Its Own Past*. New York, Faber and Faber Ltd., 458 p.
- RUSSO, N. 2014. Psyche-relic Rock: Ersatz Nostalgia for the Sixties and the Evocative Power of Sound in the Retro Rock Music of Tame Impala. *Volume!*, **11** (1): 162-173.
- SANTA ROSA, A.; JANOTTI, J. 2019. “Lofi Hip Hop Radio”: Youtube, Música Instrumental e Novas Escutas. In: PRATA, N.; PESSOA, S.; BRANDÃO (orgs.). *Desigualdades, gêneros e comunicação: olhares de pesquisadores em formação*. São Paulo, Intercom, p. 113-123.
- SCANLAN, S. 2004. Introduction: Nostalgia. *Iowa Journal of Cultural Studies*, **5** (1): 3-9.
- SIMMEL, G. 1973. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 11-25.
- WANG, J. 2020. Lofi hip-hop radio: Beats to relax/study to. *The Word: The Stanford Journal of Student Hip-hop Research*, **1** (1): 10-23.
- WINSTON, E.; SAYWOOD, L. 2019. Beats to relax/study to: Contradiction and paradox in lofi hip hop. *IASPM Journal*, **9** (2): 40-54.